

"NÃO SE PODE PENSAR SEMPRE, MAS SE PODE AMAR SEMPRE"

João RIBEIRO JÚNIOR

(Capítulo do livro inédito: **Estudos sobre
o Positivismo**)

Depois de afastar-se de uma jovem italiana de 25 anos, casada, chamada Paulina, com quem teve filha, que veio a falecer com apenas 9 anos de idade, Augusto Comte conheceu a prostituta de 19 anos, Caroline Massin, nas "Galeries de Bois", no "Palais Royal". (Essas "Galeries" consistiam em duas baixas galerias paralelas, que se separavam por uma ala de barracas, de ordinário alugadas a livreiros e a modistas. As prostitutas transitavam por ela, em busca de fregueses, que, ao menor sinal, conduziam a uma das numerosas casas que a vizinhança oferecia a este comércio). Caroline estava inscrita na polícia há dois anos, desde que fora abandonada pelo advogado Cerclet, secretário da presidência da Câmara dos Deputados e redator-chefe do jornal *Le Producteur*. Comte e Caroline passam, então, a viver maritalmente. Caroline vivia a abandoná-lo; mas sempre acabava por retornar, e Comte sempre a aceitava de volta, por medo da solidão. É isto que o faz propor casamento a ela. De imediato escreve aos pais para obter o consentimento, que a lei francesa exigia. Porém, eles, depois de tomarem informações a respeito da futura nora, respondem com uma recusa. Mesmo assim, Comte consegue fazer correr os proclamas, e realizar o casamento civil (19 de fevereiro de 1825). Um episódio desagradável precipitou a realização desse casamento. Era domingo, Comte, Caroline e um amigo estavam em um restaurante, quando surgiu um policial que, com gestos imperiosos, faz sinal à jovem para que o acompanhasse. Caroline pálida e sem jeito dirige-se para a saída; Comte levanta-se e agressivamente coloca-se entre o policial e a amante. O policial, então, explica que a jovem, como prostituta, tinha infringido a lei, pois não comparecera à inspeção sanitária; deveria, portanto, ser condenada a quinze dias de reclusão na prisão de São Lázaro. Para evitar vexames iguais no futuro, Comte resolve imediatamente casar-se, convidando, para padrinhos da noiva, dois agentes da polícia

francesa, amigos do casal, que se encarregaram de eliminar do livro de registro das prostitutas parisienses o nome de Caroline Massin.

Em 1844, Comte já se tinha separado definitivamente de Caroline, mas não se divorciara, por ser contrário ao divórcio. As suas relações com ela limitavam-se ao pagamento de uma pensão, que ele não cessou de lhe dar, apesar de seus apuros financeiros. Assim, aplicava a si próprio a regra por ele formulada: “o homem deve sustentar a mulher” (Catecismo Positivista. Rio, Templo da Humanidade, 1934, p. 346). Nessa ocasião, Sofia Bliaux Thomas, esposa do proletário Martin Thomas, passa a residir em sua casa, como empregada doméstica. Comte irá mais tarde adotá-la como filha. Sofia será, ao lado de Rosália (mãe de Comte) e Clotilde, uma das padroeiras da Religião da Humanidade.

Vivendo praticamente recluso, nos aposentos do nº 10 da rua Monsieur Le Prince, preocupado exclusivamente com o destino sócio-político de sua filosofia, veio a conhecer, casualmente, a irmã de seu antigo aluno Maximilien Marie: Clotilde. No dia 28 de agosto de 1845, na Igreja de São Paulo, Comte se apresentava com Clotilde para servirem de padrinhos do filho primogênito de Maximilien. Foi durante essa cerimônia, que Augusto Comte, com os olhos fixos em Clotilde, começou a amá-la apaixonadamente. Clotilde de Vaux contava 30 anos e Comte 46. Como ele, também ela fora casada, mas o marido a abandonara muito cedo. Seu marido Lepoquer de Vaux desviou dinheiro público confiado à sua guarda e outras quantias de particulares para pagamento de dívidas de jogo. Descoberto o delito, ele fugiu para nunca mais aparecer. A família de Clotilde acreditava que ele se tinha suicidado.

E desse encontro casual nasceu uma paixão romântica, um amor profundo, com todos os sintomas de primeiro amor experimentado, que produziu uma mudança na personalidade de Augusto Comte: o amargurado solitário transforma-se em homem apaixonado. Mas, Clotilde mostrou-se reservada. Sempre se julgou mais digna de piedade do que de ternura. A decepção de Comte é dolorosa; porém, para ele, embora Clotilde abusasse de seu privilégio feminino, admira-lhe a pureza e a lealdade que se impõe à sua adoração. Comte, depois de não conseguir que Clotilde o aceitasse como amante, tenta encará-la como irmã, e, finalmente, como filha adotiva.

Na verdade, Clotilde entendia que não estava mais na idade de travar novas relações amorosas. Comte insiste; ela se esquivava. Eis que um dia, Comte recebe uma carta dela que diz que teria o maior prazer em testemunhar, de viva voz, quer em sua casa, quer em casa de seus pais, o valor que ela dava ao interesse e à afeição que ele lhe dedica. Contudo,

Clotilde quer apenas amizade. Comte sofre ainda mais. É fácil imaginar a impressão que a leitura desta carta causou ao filósofo, no estado de exaltação a que haviam atingido os seus sentimentos. Ele a desejava sensualmente; a queria a todo custo. Clotilde, contudo, pensava apenas em retribuir benevolmente as atenções com que um filósofo respeitado pelo seu saber e o seu caráter a distinguiu. Entretanto, acaba de provocar uma explosão amorosa, que iria mergulhá-la no mais acerbo acabrunhamento. É então que Comte acreditou ter chegado o momento de revelar-lhe a natureza real do sentido que ela lhe inspirava. E assim, quando menos esperava, Clotilde recebeu a ardente confissão do mais profundo amor. Coração magoado por tantas desilusões amargas, quem sabe a que tristes conjecturas e a que sombrios devaneios se entregou Clotilde quando soube dos verdadeiros intentos de Comte. Novas cartas, Clotilde reputa-se feliz pela amabilidade, mas pretende minorar a impressão que causara em Comte. Este insiste em seu amor. Novos temores de Clotilde. E por fim, ela lhe confessa que só lhe quer a amizade. Comte se ressentiu; dói-lhe profundamente tão tardia confissão. Então, Clotilde será sua irmã, já que jamais será sua amante. Nesse ínterim, ela escreve a novela *Lúcia*, cuja leitura enternece o filósofo até as lágrimas, e o leva a tecer mil ilusões românticas. Mas, Clotilde adoce seriamente com problemas de brônquios e abdominais. Preocupado, Comte confessa-lhe que o seu amor será como ela deseja: casto, puro. Ele lhe dará um amor divino! Sem poder visitá-la, Comte lhe escreve diariamente, de manhã e à tarde. Comovido com a situação da jovem, se apressa em apagar toda má impressão que sua paixão provocara. Sua imaginação dispara: por que não amar Clotilde como uma filha? Esta idéia de imediato tomou conta dele, que pensou mesmo em adotar a jovem a fim de que ambos pudessem viver sob o mesmo teto. Clotilde deixava, assim, de ser sua amante, sua irmã, para tornar-se sua filha. Mas a saúde dela continua a agravar-se; e, finalmente, um ano depois que conhecera Comte (“Um ano sem par”), falece. Era 5 de abril de 1846.

A dor e o desespero do filósofo acabaram se transformando numa exaltação de caráter religioso. Confidencialmente confessa a Stuart Mill o que sentiu com a morte de seu “primeiro e último amor”: “Foi-me necessária toda a potência das minhas convicções filosóficas contra o suicídio fortificada pelo sentimento fundamental da alta missão social que me resta cumprir, para sobreviver sem hesitação à uma tal catástrofe”. (*Lettres d’Auguste Comte a John Stuart Mill (1841-1846)*. Paris, Ernest Leroux Édit, 1877, p. 306).

A morte de Clotilde modificou profundamente o pensamento de Augusto Comte, iniciando-se, então, um novo período em sua vida. Pro-

põe-se a desenvolver um programa de reforma social e a construir uma nova religião. E em 1847, Comte funda a religião da Humanidade, proclamando-se sumo sacerdote, e afirmando que “a grande concepção da Humanidade elimina irrevogavelmente a concepção de Deus”. (*Systeme de Politique ou Traité de Sociologie Instituant la Religion de l’Humanité*. Paris, Liv. Bailliere et fils, 4 ed. 1879, tomo I, p. 46).

Contudo, quase foram destruídas as obras desse período, fundamentais para o estudo da religião Positivista. Dois meses após a morte de Comte, sua ex-esposa Caroline Massin, agora amante de Littré, o discípulo querido de Comte, propusera uma ação para anular seu testamento, alegando que só havia loucura e aberração em sua concepção religiosa. Assim, reivindicava a propriedade das obras referentes à Religião da Humanidade, para destruí-las. O processo se arrastou por treze anos; sendo afinal decidido que a interessada não tinha competência para propor a ação.